

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

A AULA: PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DO ESPAÇO E DO CONHECIMENTO EPISTEMOLÓGICO¹

Tânia de Assis Silva Capla²
Universidade Estadual Paulista de Araraquara (UNESP)
tania.assis@unesp.br

O escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês Roland Barthes teve sua formação em Letras Clássicas (1930), Gramática e Filosofia (1943) pela Universidade de Paris. Sob a influência do linguista Ferdinand de Saussure, fez parte da denominada *Escola Estruturalista* e, nos anos de 1950, foi um expoente da crítica dos conceitos teóricos literários abordados nos centros educativos franceses.

Roland Barthes é autor de uma vasta produção bibliográfica, visto que suas obras são traduzidas para diversos idiomas, além da língua portuguesa. Para esta abordagem, destaca-se o ensaio *Leçon*, resultado do discurso proferido em 7 de janeiro de 1977, durante a Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França. Apesar de não se tratar de uma tradução recente, a *Aula* (1978), como prefere denominar Leyla Perrone-Moisés (1978), continua contribuindo com reflexões atuais no que se refere a mais do que um espaço de ensino-aprendizagem, um mecanismo de diálogo entre o ambiente acadêmico e

¹ Este texto resulta das leituras e reflexões desenvolvidas em um dos seminários do doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa, denominado “Ensino de Literatura”, ministrado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra pelo Prof. Dr. Osvaldo Manuel Silvestre a quem agradeço a generosa hospitalidade material e intelectual que me concedeu a honra (também a alegria), no sentido barthesiano dos termos, de acompanhar o curso.

² Doutoranda e Mestra (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências de Letras da UNESP-Araraquara, com período de mobilidade acadêmica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - Portugal. Bolsista CAPES/PROEX/PDSE. Sua pesquisa abrange os temas: Poesia lírica brasileira (séculos XVIII e XX), Arcadismo luso-brasileiro e Modernismo. Teorias e Crítica da Poesia. É membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Poesia Brasileira Moderna e Contemporânea (UFG/CNPq).

outras esferas sociais, a exemplo das ponderações de Bolle (2019, p. 194) sobre suas experiências em sala de aula. Além de Willi Bolle, o pensamento de Alcir Pécora (ainda que este não cite diretamente o ensaio de Barthes) também remete o leitor às considerações do semiólogo francês quando define: “A aula [...] é basicamente um momento de reflexão [...] uma aula necessariamente implica esforço de construção de um diálogo efetivo” (Pécora, 2019, p. 34-35).

É, principalmente, no sentido de pensar sobre o uso da linguagem atrelada à construção do diálogo como instrumento democrático, para uma aula que promova ampliação de visões e transformações por meio do processo ensino-aprendizagem, que o discurso de Barthes revela-se contemporâneo. A atualidade de *Aula* barthesiana evidencia-se desde a sua introdução, movida por profunda reflexão, porém sem desconsiderar o aspecto humanístico de afetividade.

Roland Barthes (1978) inicia suas considerações destacando o sentimento de alegria paralelamente à ideia de honra, por entender que a honra pode ser imerecida enquanto a alegria, vista por outro ângulo, o remete à presença de autores que contribuíram com sua formação e com o ensino naquele espaço e, talvez, fora dele, considerando o alcance de seus escritos. Entre nomes como Paul Valéry, Emile Benveniste (apenas para citar alguns), o crítico literário e semiólogo francês expressa o que denomina “afeição, solidariedade intelectual e gratidão” a Michel Foucault, cuja intermediação contribuiu para a entrada de Barthes, no referido Colégio de França, naquele lugar qualificado, pelo crítico, como espaço “fora do poder” (Barthes, 1978, p. 9).

O supracitado qualificativo pode ser compreendido, pelo leitor, como uma expressão irônica, haja vista o lugar paradoxal de fala do semiólogo francês, já que o poder é sugestivamente intrínseco a tal lugar. Se, por um lado, usa-se o poder discursivo de forma unilateral, sem contribuir com o diálogo, por outro prisma, a apropriação reflexiva da metalinguagem permite a desconstrução do fascismo linguístico e pode constituir mecanismo positivamente poderoso para a construção de um diálogo democrático, por meio do entrecruzamento dos aspectos literários e

semióticos. Acrescenta-se a estes aspectos, o fato de que a ironia possibilita uma forma discursiva de poder, conforme reflete Perrone-Moisés (1978, p. 55).

Contudo, é a partir da controversa designação (a do espaço “fora do poder”) que o ensaísta defende sua tese sobre o ensino livre de todo e qualquer poder que não é apenas político ou ideológico (Barthes, 1978, p. 10). Um dos grandes pontos levantados por Barthes configura um questionamento atual sobre o “poder plural” e socialmente “perpétuo no tempo histórico”, aquele que está presente em toda a parte e se faz ouvir nas vozes que manifestam o “discurso de todo poder” ou “o discurso da arrogância”, conforme a conceituação do crítico francês (Barthes, 1978, p. 11).

Reflexão tal que parece abalar o sistema orgânico de ensino das disciplinas da época, entretanto a questão com a qual o leitor se depara é: quais os mecanismos de combate ao poder que impera no ato discursivo? Neste sentido, o teórico compreende que o objeto do poder é a linguagem e sua expressão obrigatória é a língua, dada a ideia que, em sua visão, “a linguagem é uma legislação, a língua é seu código” (Barthes, 1978, p. 12).

Para fundamentar o referido pensamento, o autor cita Renan (1882; 1997) a fim de pensar a língua como algo que não se esgota, porém adverte que a língua não é democrática e, sim, fascista, pois “está a serviço de um poder” (Barthes, 1978, p. 13-14). Indo além, o crítico enfatiza que “na língua, servidão e poder se confundem [...], não pode haver liberdade fora da linguagem” (Barthes, 1978, p. 15).

No entanto, a despeito das referidas limitações impostas pela língua e suas manifestações na linguagem, o ensaísta aponta um dispositivo de revolução que ele prefere designar de “trapaça”, considerando que o ato de “trapacear a língua” e “trapacear com a língua” é o que constitui a literatura. E esta é definida não como corpo ou sequência de obras, mas como uma prática de escrever em que visa o texto como um “tecido dos significantes que constitui a obra”, já que, metaforicamente, conceitua o texto como “o aflorar da língua”, visto que, em seu

interior, esta (a língua) deve ser combatida, desviada pelo jogo das palavras que ela encena (Barthes, 1978, p. 16).

Na visão do semiólogo, literatura, escritura ou texto são sinônimos e sua liberdade reside no “trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua” (Barthes, 1978, p. 17). Tal pensamento contribui com as reflexões sobre a migração de determinados aspectos de uma literatura específica para um campo mais amplo das linguagens, a exemplo dos deslocamentos ocorridos entre as Artes em geral. Com base em tal princípio, o autor elenca três forças de liberdade que residem na literatura, a partir das concepções gregas de *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*.

A primeira força estaria associada ao conceito de instrução, de ciência e de conhecimento. Para exemplificar, Barthes cita *Robinson Crusoé* como aquele que reúne uma variedade de disciplinas (História, Geografia, Antropologia etc.) num monumento literário. Sendo assim, o romance amplia a concepção de natureza exclusivamente literária e inscreve-a no domínio da cultura, evidenciando o aspecto de simbolização que funda a compreensão de deslocamento.

A respeito do conceito de *Mimesis*, Barthes apresenta um pensamento paradoxal quando afirma que “o real não é representável” ao mesmo tempo que o é, “porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura” (Barthes, 1978, p. 21). Desta forma, a questão da representação estaria atrelada a um jogo de utopia e deslocamento como manejo de libertação da língua.

Quanto ao terceiro conceito, o crítico francês atribui à literatura o que chama de “sua força propriamente semiótica, [que] consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebataram” (Barthes, 1978, p. 27-28). Deste modo, o teórico infere que é possível instituir heterogeneidade no âmago da linguagem. E tal possibilidade se deve ao movimento entrelaçadamente dialógico da língua ao discurso (e vice-versa) como se fossem o mesmo objeto, considerados indivisos, já que “deslizam segundo o mesmo eixo de poder” (Barthes, 1978, p. 31).

A partir de tal entrelaçamento, da língua e do discurso associados à crítica social, com base em Sartre (1993), Brecht (1978) e Saussure (2006), o teórico constrói seu conceito de semiologia nascido de uma intolerância àquilo que chamou, anteriormente, de fascismo da língua como objeto impositivo (que obriga a dizer) e, conseqüentemente, desprovida de liberdade. Esse aspecto pode ser revertido com a conjugação da literatura à semiologia já que, segundo Barthes, elas se corrigem mutuamente.

Após discorrer sobre vários exemplos literários entretecidos com os conceitos de semiologia que, por sua vez, estão atrelados à sua própria experiência e visão de sua futura atuação no Colégio de França, Barthes conclui seu ensaio articulando o aspecto do tempo, da liberdade de (des)construção e da sedimentação de saberes àquilo que ele denomina de “nome ilustre” para o que resume o objetivo e a motivação de todos os saberes:

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de poder, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível (Barthes, 1978, p. 47, grifos do autor).

Neste sentido, infere-se que a semiologia é proposta como mecanismo que vai além do espaço ocupado pelas disciplinas que compõem um sistema orgânico do saber epistemológico. Tal entendimento resulta da proposta de diálogo (ou entrelaçamento) com a literatura que, por sua vez, também produz uma relação dialógica entre textos por meio de “retomadas”, “empréstimos” e “trocas”, conforme evoca Leyla Perrone-Moisés em seu ensaio “Literatura comparada, intertexto e Antropofagia”, que compõe o sétimo capítulo de *Flores da escrivainha* (Perrone-Moisés, 2006, p. 94). Desta forma, o intertexto construiria a *sapientia* e seria, pois, emblemático da libertação, com base naquilo que Barthes propõe por

meio da semiologia: um ato de criação (situação nova) que modifica o uso que se pode fazer das forças da literatura.

Conclui-se, portanto, que, a despeito do contexto histórico específico em que a *Aula* foi proferida e das possíveis distâncias em relação à realidade do leitor brasileiro contemporâneo, o ensaio barthesiano permanece como um referencial teórico fecundo para a reflexão acerca do ensino, da (re)escritura e das dinâmicas do discurso. Ao problematizar a língua como instrumento de poder e ao propor a literatura e a semiologia como espaços de deslocamento, tensionamento e reinvenção da linguagem, Roland Barthes oferece subsídios para repensar criticamente as práticas pedagógicas e os modos de produção do saber. Assim, a leitura (ou a releitura) do ensaio de Barthes é fortemente recomendada, pois configura-se não apenas como exercício interpretativo, mas como gesto epistemológico que reafirma a sala de aula (ou a sua representação) como espaço dialógico, reflexivo, de criação e de resistência, particularmente relevante para os estudos literários na contemporaneidade.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BOLLE, Willi. Arte da aula. In: CORDEIRO, D.S.; FURTADO, J. P. (Orgs.) **Arte da aula**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 189-203.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Tradução de Fiana Hasse Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PÉCORA, Alcir. Arte da aula. In: CORDEIRO, D.S.; FURTADO, J. P. (Orgs.) **Arte da aula**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 25-46.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e Antropofagia. In: **Flores da escrivania**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 91-99.

Revista Resenhando

RENAN, Ernest. *Qu'est-ce qu'une nation?* Paris: Calmann Lévy, 1882.

RENAN, Ernest. Que é uma nação? Tradução de Samuel Titan Jr. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 4 n. 1, p. 154-175, 1997. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/plural/article/view/75901>. Acesso em: 23 fev. 2026.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em: 16/10/2025

Aprovado em: 25/03/2026

Revista Resenhando	Alfenas, MG	v. 7	n. 1	ISSN 2675-7036
--------------------	-------------	------	------	----------------